

In Maria Studira Braga  
A Rosa-de-juízo

## O recolhimento

*Ces monstres disloqués furent jadis des femmes,  
Ejonomie ou Laïçi! Monstres brisés, bossus  
Ou tordus, aimons-les! Ce sont encore des âmes.*

BAUDELAIRE, «Les Petites Vieilles»

O recolhimento, antigo mosteiro, não tinha nenhum aquecimento no Inverno e, pelo Verão, os quartos, alguns de telha-vã, eram fornos.

Como viera parar ali? Pergunta que, havia um ano, Maria dos Anjos fazia todos os dias a si própria. À noite, principalmente, quando o casarão em ruínas se afundava em trevas e silêncio.

As recolhidas detavam-se cedo. Velhas, todas. E também a directora, que padecia de alucinações e que nas voltas da Lua vagueava pelos claustros a cantar o *Tantum Ergo*. A Teresa caseadeira dizia que era por ser filha de padre.

Talvez ainda a Teresa estivesse a pé, a casear algum *smoking* ou corpinho de noiva. Ninguém como ela na cidade para esse serviço, apesar dos seus setenta anos e da luz da candeia. Às oito horas, Lia, a criada da directora,

desligava a electricidade. Oito horasi! No Inverno, ouviam-se por vezes gritos ou pragas. As lâmpadas que bruxuleavam nas curvas dos corredores apagavam-se de repente como se um vento mau atravessasse a casa. E a Mil-Homens, a essa hora a reparir a ceia com os gatos, amaldiçoava a directora, a criada, as autoridades que, segundo ela, a haviam desterrado ali.

A Mil-Homens. Que ferrete a apartava das demais? A alcunha? D. Felícia, mestra-régia reformada, pousava os olhos no chão ao passar por ela. E havia quem na capela mudasse de sítio para não se ajoelhar a seu lado. Mil-Homens. Libertinagem? Prostituição? Maria dos Anjos, porém, sentia por essa mulher não só curiosidade mas até simpatia.

O rosto comprido da Mil-Homens, os seus olhos desconfiados, a boca mole, faziam pensar em teatro, em pantomina. Teatro de expressão, de olhares. (Só quando Lia cortava a luz nas noites de Inverno é que a voz da Mil-Homens se erguia a condenar o mundo.) E paitavam-lhe os cabelos de um branco-amarelado, secos e crespos, levantados ao alto da cabeça em forma de coroa.

As noites do recolhimento e os fantasmas de Maria dos Anjos.

Noites longas. Ouvia as três no relógio do Carmo, quantas vezes as quatro.

«Menina prendada e séria procura lugar em casa de família.» Ao ler o anúncio corara, como se se tratasse da oferta dela própria em corpo e alma, das prendas, da seriedade. Um pressentimento. Ou um aviso. Outras raparigas, ao deixarem o orfanato, punham anúncio para casar. Outras ainda iam bater à porta de um bordel.

O seu tempo. Mulheres coizas, utilidades ou entretenimentos. (Não teria a Mil-Homens pertencido às últimas?) Mulheres também para quem casar significava «levar a Cruz ao Calvário» e ficar solteira «ser honesta». O orfanato, que quase só abrigava filhas naturais, devia a sua existência à *desonestidade* das mulheres. Os homens não

tinham nada com aquilo. Se um ou outro, magnanimamente, contribuíam com dinheiro, dotes, bolsas de estudo, o seu nome ia para a lista dos benfeitores e o seu retrato para o salão de honra.

No orfanato, Maria dos Anjos costumava esgueirar-se para a sala dos retratos a tentar descobrir em algum deles o pai. (Não a tinham mandado estudar?) Figuras imponentes de bigodes fartos ou suíças, colares de comendas, hábitos talares. Homens cujo grau de honestidade crescia conforme o das mulheres descia.

O seu tempo. As filhas herdavam o fado das mães. Ao olhar aqueles retratos, contudo, Maria dos Anjos não se persuadia de que havia de ter filhos de homens assim nem se sentia filha de nenhum deles.

Os filhos. O que há muitos anos fora para o Brasil nunca lhe escrevera. Lembrava-se dele à partida do vapor, de cara obstinadamente escondida na curva do braço. Um menino, quase. Mais tarde constara que figura do emprego, ninguém o conseguira localizar, deram-no por morto. Ela, que o sabia impulsivo, imaginava-o desesperado, a enforcarse, salvo seja. Roxo, pendendo de uma árvore, um jacarandá. Porquê jacarandá? Por ser pau-santo?

Brasil. O pai dos seus filhos enriquecera lá e de lá trouxera a morena de olhos bugalhudos como castanhas do Maranhão que a contratara para dama de companhia e que de vez em quando lhe cedia o marido: Miquinhas ficava a olhar por Sr. Costa, a tratá-lo bem; ela ia matar saudades de mamãe e do Pará.

As crianças nasciam de uma e de outra, no chalé de sacadas de vidro. Criavam-se juntos. D. Jandira achava mais mininosas as da dama de companhia. «Que ar tão purozinho! É da mãe.»

Aos quinze, aos dezasseis anos, os meninos de ar puro não deixavam sangue pela boca. D. Jandira empenhava as jóias (já então o dinheiro do Brasil escassava) para os mandar para o sanatório. Chorava, por fim, sobre o caixão deles, chamando-lhes filhos do seu coração.

D. Jandira. Maria dos Anjos. Sr. Costa. Que compaixão ou que sarcasmo havia unido os três?

Sr. Costa, um símbolo apenas: duplo queixo, gravidade e relaxamento, poder e dependência. Sr. Costa cobicioso, calculista e vão.

E na casa? E na cama?

Na casa, D. Jandira. D. Jandira boa, bonita, generosa.

D. Jandira a vender os diamantes de Minas para tratar a tísica dos filhos perfilhados do marido. D. Jandira mãe duas vezes.

Na cama, a confusão e o fastio. Não propriamente remorsos (como haver remorsos sem desejo?), antes revolta contra os privilégios do macho, e também a nostalgia do amor. Na cama, vagas recordações da primeira infância: o leite a espirrar, morno, de um tíbete de cabra; uma voz de velha a adormecê-la. E também uma vontade louca de rir. Ou de chorar?

Duas horas na torre da igreja. «Miquinhas, tem cobertores que cheguem?» Às escuras e de olhos fechados, via agora o quarto ponto por ponto, o mesmo que dizer: D. Jandira. Não o chalé de alpendres envidraçados e re-puxos no jardim. Tão-pouco Sr. Costa. D. Jandira unicamente. Como se o espírito da brasileira a quisesse acompanhar até o fim. Como se a brasileira e ela fossem uma só. O roupão de pêlo de camelo desbotado e puído. O relógio de música há muito parado. O biombozinho de laca tão deslocado entre as paredes de reboco e o soalho roto. O vestido, as pantuflas, a camisa de D. Jandira. «Ué, Miquinhas, como tenho dormido!»

De Inverno, no meio da noite, os gatos gemiam nos telhados e morria uma ou outra recolhida. Morririam caladas, deitadas de lado, de membros contraídos. A Filomena fora assim. Mal-encarada, com a fama de ter sido bela e leviana, aparecera vestida, dura e fria, na manhã do primeiro do ano, com uma nota de vinte escudos na liga da meia.

Lia, mulher de mau génio e mandando mais do que a patroa falha de júízo, apregoara a condenação eterna da Fi-

lomena. Criatura que rendesse a alma ao Criador sem haver frequentado a igreja nem mostrado contrição final, certo se perderia, segundo a criadada da directora. Para mais a Filomena, que nem rosário tinha, nunca se desapagara de todos antigos luxos: o *rouge*, o pó-de-arroz, o ferro de frisar as madeixas, e só o dinheiro, marca do demónio, a acompanhar a derradeira.

Dia de tempestade o do enterro da Filomena. Como as escadas que levavam à cozinha tivessem aluído, as velhas atravessavam a cerca e atolavam-se. De olhos turbados de cataratas, Rita, a porteira, proclamava que mão sem braço lhe arrancara da testa os óculos, por alturas do poço, mão leve e rápida como o vento, não tão gelada que a cegara de todo, pelo que não dava com o quarto.

Foi quando, mais uma vez, D. Adelaide Silveira entrou no petróleo. De família nobre e com noventa anos, D. Adelaide gozava da permissão de cozinhar no quarto, e volta e meia pegava fogo ao tabique. E Lia veio então de lá com um saco de areia e a cruz ao alto a gritar que era a alma penada da Filomena. Vejam: a alma penada da Filomena, tendo já empecido a Rita, empecida agora D. Adelaide e o seu companheiro: um paggaio rezinguento que repelia com voz fanhosa o «abrenúncio» de Lia.

Ah, D. Adelaide Silveira e o seu universo de velha lunático! Às vezes, de noite, o piano de mesa desafinava misteriosamente a serenata de Schubert, e corria na casa que era a fidalga a dormir. Adormecida, sonâmbula, D. Adelaide, sonhando provavelmente com passados esplendores, sentava-se ao piano e praticava música. Acordada, contudo, perdidos o tino e os dedos, não acertava com a ária mais simples.

Uma relíquia, D. Adelaide, no recolhimento. Pela Páscoa, quando o prior visitava quarto por quarto, chamavam-na aos aposentos da directora para um cálice de vinho do Porto. E imponente e grotesca, a tropeçar na cauda do vestido de fim de século, a fidalga regressava, por uns momentos, ao seu mundo: a família, os amigos... Que es-

panto o senhor prior não conhecer nenhum deles! Se toda a cidade os conhecia! E, súbito, muito velha e muito abandonada, a pingar vinho na renda do peitinho, a olhar em redor em busca do papagaio.

O recolhimento.

A Ana-dos-brincos-grandes batia-lhe à porta todas as manhãs: D. Maria dos Anjos queria alguma coisa? Habituada a servir, a fazer recados, a ajudar, oferecia os seus préstimos antes de sair para a casa do senhor doutor.

Paralítico, o senhor doutor. De que valia ter dinheiro? Ninguém para o aturar senão ela, antiga serviçal, que lhe dava as voltas, lhe metia a comida à boca. Os olhos tristes do senhor doutor! Ai, os filhos! Os sacrifícios que a gente faz, e depois... Os do senhor doutor vinham uma vez por mês, de dois em dois meses. Achavam que se gastava muito em remédios. Regateavam-lhe a soldada. As freiras olhavam pelo doente de noite, por caridade. Ela, porém, que não fora escolhida, tinha de esgaratar para comer. Moitajara, criara um filho, servira toda a vida, e de seu tinha apenas os brincos das orelhas. Os filhos! Se o senhor doutor pudesse falar... O dela estava bem, a mulher herdara terras, matava um cevado todos os anos, mas a mãe não a conhecia. A mãe que oferecera o cordão de ouro à Senhora da Saúde quando, pelos três anos, o vira preto de bexigas, que o pusera de anjo na procissão do Corpo de Deus, que por ele se esquecera dela própria. Sabia D. Maria dos Anjos o que era parir ao canto de uma rua, como gata vadia, ser desprezada por essa infelicidade, andar ao papel, à bosta, para ganhar o sustento da criança, e vê-la depois crescer e afastar-se?

Os brincos tilintavam-lhe no pescoço esguio e encorreado. Antes molresse ao botá-lo ao mundo. Antes o abandonasse num vão de porta, o entregasse no asilo dos órfãos, o mandasse de presente ao pai que era rico e o enfeitara.

No quarto de tecto baixo a voz de Ana-dos-brincos-grandes ganhava tons dramáticos.

E Maria dos Anjos desatou a chorar.

Chorava pelos filhos mortos no desabrochar da idade, os filhos que não tinham chegado a traí-la mas que talvez (quem sabe?) viessem também a envergonhar-se dela. E por aquele que se perdera por tão remotas terras, o suicida, orgulhoso de mais, esse, para viver.

Choravam as duas. Mãos de ossos e veias a esconder a cara toda uma ruga. Mãos desamparadas, impotentes e contudo ainda capazes de gestos, de enxugar lágrimas, de se estreitar mutuamente.

— Olhe, Sr.<sup>a</sup> Ana, eu só tenho a dizer bem dos filhos. Infelizes que eles foram! E eu sem lhes poder valer. Eu, mãe inútil.

As mãos da Ana-dos-brincos-grandes eram rijas e quentes, mal-grado o Inverno.

No fim da vida, D. Jandira usava mitenes de lã e deixava as cartas, na salinha das traseiras, com os dedos trigueiros a sair da malha cor de cinza. Aparecia um valete e logo a seguir um ás de espadas. D. Jandira estremecia. Raulzinho em perigo? Traição? Ciliada? Tinham de aparecer os outros. E apareciam.

Raul. Leonel. Os filhos de D. Jandira, se bem que raro dessem notícias, não eram de se suicidar. Robustos e afoitos, iam e vinham, contavam de amores e de negócios, hipotecavam a casa, encomendavam do estrangeiro o último medicamento para a *angina pectoris* de mamãe, deixavam atrás de si uma imensa saudade.

As mãos de D. Jandira na carapaça das mitenes dir-se-iam crustáceos. (Raul era do signo caranguejo ou escorpião?) E Maria dos Anjos comparava aquelas mãos maternais e ociosas (mãos de deitar sortes, de folhear romances, de pentear meninos, de compor flores em caixão), comparava-as ao próprio horóscopo. Como se só por si tais mãos guiassem os passos dos moços lá longe.

«Descanse, Miguinhas vou agora deitar por seu filho. Não me convenço de que o menino se tenha desesperado.»

Baralhava. Partia. Tornava a baralhar. E, nisto, aquelas

mãos eram pás a escavar o chão... Maria dos Anjos aperta-va-as nas suas, soluçava sobre elas.

As mãos de D. Jandira. As mãos da Ana-dos-brincos-grandes. Tão diferentes e tão semelhantes. Mãos de patroa. Mãos de criada. E ambas sopesando, inteiro, um coração.

Conheceria a Mil-Homens mãos assim? Decerto que não. Daí a moleza da sua boca e o olhar suspeitoso. A vida da Mil-Homens devia ter sido um vasto palco, e ela sempre em cena e fatigada. Essa a sua desgraça: a fadiga. Quando a criada da directora cortava a luz nas noites de Inverno, a Mil-Homens vinha repentinamente a si e indignava-se. Uma espécie de ressurreição. Em tais ocasiões, vingava-se, não propriamente da falsidade de Lia, mas das desconsiderações de D. Felícia, do desprezo da sociedade, do abuso (quem sabe?) de mil homens. Nessas ocasiões tinha a consciência de ser e enternecia-se. E na penumbra dos corredores, a sua cabeça alitiva, aureolada de cabelos ruços, fazia pensar nas figuras dramáticas das sagas.

Um dia, alguém indicou a nova recolhida à Conferência de São Vicente de Paulo. Com a morte da Filomena havia uma vaga. E, pela primeira vez, Maria dos Anjos compreendeu que era indigente. Indigente — rótulo indispensável para acesso a hospícios e hospitais, ao pão de Santo António, à sopa do Albergue, à esmola. Indigente. Pior do que pobre. Pior do que só. Uma casta à parte. Como os párias, ou os intocáveis.

D. Jandira contratara-a para dama de companhia, e não apenas pela sua boa apresentação, mas por saber francês, bordados, um pouco de música. Menina prendada. Costumava entreter as visitas organizando saraus artísticos.

Filhos-família a tocarem harpa ou violoncelo. Burguesas roliças a declamarem *O Notívado do Sepulcro*. E ela a servir o chá e a interrogar-se sobre o seu lugar ali. Nem serva nem senhora. Nem anfitriã nem hóspeda. Parada a meio da sala com o bule na mão, era como se não soubesse o que fazer a seguir, como se receasse sabê-lo.

«Parabéns, Miquinhas. A festa deve-se a si.» A face empoada de D. Jandira. O seu perfume. Quantas vezes tinha contado os degraus até o seu quarto? E por que seria que nessas noites duplicavam os degraus?

De tais noites lhe viera a perdição.

Nos dias comuns lia para D. Jandira, saía a compras, distraía-se. Em Sr. Costa nem sequer reparava.

Mas quando a seda das saias rangia pelos salões, os chapéus altos se enfileiravam no bengaleiro, cintilavam essências e anéis, tiniam vozes e cristais, a sua solidão crescia do tamanho do mundo e achava-se capaz de se dar mesmo a Sr. Costa.

Situação parecida com a que experimentava agora: a indigência.

Só que então era nova e podia entregar-se a caprichos: deitar-se com Sr. Costa sem o amar, ter filhos dele e nunca lhe querer bem, sonhá-lo outro e melhor.

Só que então havia D. Jandira.

A Conferência era de senhoras e era de meninas. Ela escolheu as meninas. Estudantes. Passavam às quintas-feiras pelo recolhimento como uma brisa marinha, deixando atrás de si um rasto de sal. Nos corredores e nas varandas escoradas, abertas ao tempo, negras de humidade, as suas vozes ecoavam agudas e frescas. E riam muito, riam de tudo, como se o recolhimento fosse, sei lá, uma comédia.

Bom vê-las rir com os dentes todos (nas mais novas, aros de prata a alinhá-los), sentir-lhes o odor acre dos corpos adolescentes, ouvi-las fazer solenes e impossíveis promessas.

Meninas ricas, de famílias com dom, que falavam da «minha pobre» como quem diz «o meu cão» ou «o meu gato». Meninas pequeno-burguesas, correctas, que alegremente se tinham filiado na companhia das boas acções (Faz bem, não olhes a quem. Dá e receberás). Meninas que liam as cartas das velhas analfabetas inventando palavras de ternura. Meninas que pediam orações pelo bom resultado dos exames ou dos namoros.

Maria dos Anjos guardava, ciosa, como quem ameaça um pedaço de vida, a senha de dez escudos que lhe vinha das mãos buliçosas e ardentes das meninas e lhe dava direito a artigos de mercearia. O que lhe custava trocá-la por arroz ou por batatas! Aquela cartãozinho branco-sujo, com o nome dela em letras angulosas, juvenis, era uma ponte entre um mundo que nunca conhecera e o seu exílio. Espécie de amuleto, de insígnia de fé. Quase uma memória de amor. Quase uma notícia do filho.

E às quintas-feiras vestia o seu melhor vestido, punha nos cabelos grisalhos o pente largo de tartaruga, sentava-se na beira da cama feita de lavado.

(Quem uma vez lhe chamara «rosto de Madona»? As mãos tremendo no arco do violino, os olhos cegos. «Ele tem *olhar* exacto, Miquinhas. Ele viu o que ainda ninguém tinha visto. Madona! Até me arrepio...»)

As meninas entravam sem bater. Cabeleiras soltas, modos deservoltos, mãos suadas.

Por um momento, Maria dos Anjos acanhava-se. Essas visitas não usavam os seus usos nem falavam as suas falas. E tal como D. Adelaide Silveira no Domingo de Páscoa, desnoiteada ante o deserto da velhice, olhava em redor à procura, sabe-se lá de quem, talvez de D. Jandira.

Mas a pouco e pouco a aproximação ia acontecendo. As meninas queriam organizar um chá, um baile de caridade, e Maria dos Anjos ensinava-lhes receitas de doces brasileiros, fórmulas rigorosas com dizeres de fubá e pão dormido. E, se alguma das moças aparentava cansaço, desajeito de se sentar, levantava-se ela, alisava a colcha de chita, pedia desculpa de não ter cadeiras.

Um consolo e uma inquietação, as meninas da Confissão.

Ao contrário de Lia, que lhes censurava as saias curtas e as maneiras irreverentes, Maria dos Anjos amava-as por isso, por as saber senhoras dos seus próprios sonhos, donas daquilo de que ela fora escrava.

E que vontade de lhes confiar o seu passado, de lhes mostrar retratos, de lhes falar de D. Jandira! (Não de Sr. Costa. De Sr. Costa, a ninguém.) Um retrato em especial: muito nova, cabelo apartado ao meio, mãos cruzadas no colo, ar de inocência. Do tempo em que ainda acreditava no amor.

Ao serão, ao deitar as cartas por ela, D. Jandira virava intrigada. A sorte dizia sempre que Maria dos Anjos nunca havia de se apaixonar. Descia entre as duas um silêncio incomodativo. E nessas ocasiões, só nessas, Maria dos Anjos presentia no olhar da amiga uma centelha de ódio.

O seu segredo, que D. Jandira nunca entendera, não obstante o peito derramado de compreensão, também as meninas o não entenderiam. Fortes e audazes, tinham-se habituado a escolher e a rejeitar, a dizer sim sim, não não, e ser-lhes-ia preciso um grande esforço não só para aceitar a obscura história de Maria dos Anjos como para a figurar com dezoito anos.

Nas tardes de sol D. Almerinda costumava ir com duas amigas até ao cemitério que ficava defronte do recolhimento. Muito alta, muito magra e muito pálida, D. Almerinda levava um livro piedoso para ler, enquanto as amigas faziam meia sentadas nas pedras tumulares. E, ao vê-la da janela do seu quarto, Maria dos Anjos imaginava a própria Senhora Morte a revelar às outras os seus altos mistérios.

(Não era o médico de D. Jandira que tinha na sala de espera um quadro com uma figura assim esquelética a lutar com um jovem clínico?)

Se corria vento, a *écharpe* preta de D. Almerinda esvoaçava como asas de corvo. As amigas, duas velhas pequeninas (uma corcunda), arrancavam dos canteiros dos jazigos bolbos de plantas para o jardim da directora. Espalmada na pedra enegrecida de um mauseóléu, lívida e longa, a mão de D. Almerinda, um lagarto.

Então, o sino do recolher. Sete horas. Lia descia a botar

os ferrolhos. As três parcas apressavam-se de volta a casa. O papagaio de D. Adelaide Silveira rezava o *Angelus* e gargalhava.

O recolhimento.

Algumas velhas fruíam de uma alegria ingénua, semi-inconsciente: viúvas de homens prepotentes ou solteironas a quem os pais, quase macróbios, tinham finalmente expirado, viviam de pequenos montepios, obsequiavam-se entre si — um lençinho, uma compota —, sentiam-se ainda senhoras. Outras esperando todos os dias, com decepção vagamente indignada, amigos ou parentes há muito falecidos. E havia as que se queixavam da importunidade de visitas imaginárias.

Destroços, o mundo do recolhimento.

Não fossem as mãos quentes e ásperas da Ana-dos-brincos-grandes e as memórias de D. Jandira, que seria de ti, Maria dos Anjos?

Restavam as meninas da Conferência, para quem o recolhimento não ia além de um espectáculo interessante: um argumento para lançar ingenuamente aos moços de ideias avançadas à mesa do café: «Ora, não me venhas com política, eu conheço os pobres...»

Se às quintas-feiras Maria dos Anjos vestia o seu melhor vestido e punha de lado retratos que gostaria de lhes mostrar (sem nunca, contudo, o chegar a fazer), era em homenagem à mocidade delas e em repúdio da morte. Tão soberbas de vida, as meninas da Conferência affligiam-na, como se a cada esquina o tempo as esperasse de emboscada, meu Deus que desperdício!

A Ana-dos-brincos-grandes, todavia, sabia o que era ter filhos sem amar e sabia o que era perdê-los. À Ana-dos-brincos-grandes não precisava de contar nada. Se D. Jandira escutasse a Ana, havia de lhe perdoar por não ter amado Sr. Costa.

O relógio do Carmo repetiu as quatro. O frio penetrava os cobertores e Maria dos Anjos enroscava-se como um bicho-de-conta.

Por que viera parar ao recolhimento? Por ter sido falsa consigo mesma? Por se haver criado num orfanato?

E a Mil-Homens? Uma vida inteira raivosamente à procura dela própria e a encontrar-se ali, ao lusco-fusco, entre paredes esboroadas e mios de gato.

Dormir. Afundar-se no sono. Pôr fim ao pensamento.

Se tivesse fé, rezaria para dormir, para que todo o recolhimento dormisse. Tortura da velhice: recordar! Daí as alucinações da directora, as perplexidades de D. Adelaide, o enfado da Mil-Homens.

Manhã cedo, após os despejos, Lia passava com os seus pés pesados e a pá do açúcar queimado a desinfecar os corredores: um diabo de língua de fogo a aprestar o caminho ao Sagrado Viático para a directora doente. E as recolhidas arrastavam-se, trupe-trupe, até à cozinha com as marmitas do leite ou da sopa.

Maria dos Anjos via-as na volta pela cerca (as escadas interiores continuavam aludidas), sentia-lhes o cheiro pobre da cevada e do caldo requentado. Quando sopravam as brasas do fogareiro, as caras das velhas, vermelhas e túmidas, faziam pensar em crianças, faziam pensar em palhaços.

E se adormecesses para não acordar mais, como a Filomena? Se morresses assim calada, deitada de lado, de membros encolhidos?

Talvez que a Ana-dos-brincos-grandes, mal-grado os preconceitos de Lia, te acendesse uma vela à cabeceira. E talvez (quem sabe?) as meninas da Conferência aparecessem, impressionantes de vida, para olhar a tua morte.

E se as meninas da Conferência, desejando saber de ti, remexessem as gavetas, te desencantassem aquele retrato: muito moça, cabelo apartado ao meio, mãos cruzadas no colo, ar inocente. O retrato do tempo em que ainda não tinhas atraído o amor?